

Fogo, lágrimas, Graal: algumas notas sobre a tradição hagiográfica de São Lourenço

André Simões

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

As breves notas que aqui apresentamos são em grande parte fruto do trabalho de preparação de um volume sobre São Lourenço¹, integrado na colecção “Santos e Milagres na Idade Média Portuguesa – textos e cultura da pré-nacionalidade”, do grupo de investigação *In Occidua Plaga*, do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Deste volume constam entre muitos outros os textos integrais que aqui referimos e de que apresentamos alguns excertos.

São Lourenço é o mais importante dos mártires romanos do período pós-apostólico. Foi martirizado no dia 10 de Agosto do ano 258, em Roma, na Via Tiburtina. É esta a informação dada pela *Depositio martyrum*, ou “deposição dos mártires”, lista que ordena os seus nomes pela data do seu martírio, indicando o local da sua sepultura, e que se integra no *Cronógrafo* de Fúrio Dionísio Filócalo, composto provavelmente no ano 354. A presença de Lourenço em data recuada numa lista tão restrita permite ter desde logo uma ideia clara da importância do seu culto na comunidade cristã romana. Mas enquanto outros mártires que com ele conquistaram um lugar neste elenco acabaram por ir caindo, para a generalidade de crentes e não crentes, no esquecimento do tempo (quem hoje, tirando as poucas comunidades que lhes prestam ainda culto, saberá quem são os santos Ábdon e Senes, apenas para citar dois nomes que a tradição acabou por ligar, sem qualquer fundamento, ao nosso mártir?), Lourenço, pelo contrário, conserva ainda hoje uma fortuna que ultrapassa em muito as fronteiras da simples devoção religiosa. A importância do seu culto em Roma bem se vê no facto de que a actual basílica de San Lorenzo Fuora le Mura tem por base o primeiro caso conhecido de patrocínio imperial a um santuário cristão. Com efeito, Constantino tratou de restaurar e renovar o túmulo do mártir, sobre o qual determinou a construção de uma basílica, como narra o *Liber Pontificalis* (ou seja, “Livro dos Papas”), documento de datação problemática cujo núcleo mais antigo deverá remontar ao século VI:

[Constantino] fez uma basílica dedicada ao bem-aventurado mártir Lourenço, na Via Tiburtina, no Agro Verano, sobre a cripta, e fez degraus para subir e descer até ao corpo de São Lourenço. Neste lugar construiu uma ábside, e ornamentou-a de mármore de cor púrpura, e por cima fechou o lugar com prata e ornou as grades com prata da mais pura [...] Diante do corpo do bem-aventurado Lourenço representou a sua paixão em medalhões engastados de prata.²

(*Liber Pontificalis*, 34.24)

Não nos deteremos na história do culto de São Lourenço, assunto para o qual não temos competência. Digamos apenas que identificámos em Portugal 61 paróquias actuais que o têm por orago, bem como 22 localidades que integram São Lourenço no seu nome³ – e não

¹ SIMÕES 2013

² Tradução nossa do original latino.

³ O Anuário Católico apresenta a lista completa neste endereço (Consultado em 2 de Dezembro de 2013):

incluímos aqui acidentes geográficos, como ribeiras, pontas e praias, caso em que a lista seria substancialmente acrescentada. Se tivermos em conta que mais de metade das paróquias identificadas se encontra a norte do Douro, que são poucas a sul do Mondego, quase nenhuma abaixo do Tejo, nenhuma no Baixo Alentejo e Algarve, podemos bem imaginar quantas desapareceram durante o período muçulmano e não foram restauradas após a Reconquista.

Mas porque a História não é, como dissemos, seara a que consigamos deitar de forma competente a nossa foice, pousemos agora os olhos propriamente em são Lourenço e na mais antiga tradição hagiográfica que lhe está associada, concretamente nos mais antigos textos latinos que de forma tão profunda impregnaram o imaginário ocidental com imagens de sangue e de fogo, mesmo se certamente a quase totalidade dos elementos que a constituem mais não seja do que o produto da imaginação piedosa dos primeiros hagiógrafos – e talvez até de um só deles. Começemos por recordar de forma telegráfica os pontos essenciais desta tradição.

Estamos no dia 6 de Agosto de 258, e Lourenço, diácono do papa Sisto II, assiste em pranto à ida do seu bispo a caminho do martírio. Sisto reconforta-o, profetizando-lhe o martírio para três dias depois. Lourenço é em seguida preso pelas autoridades romanas, e instado a entregar as riquezas da Igreja. Fingindo obedecer, reúne os pobres e aleijados que pejam as ruas de Roma, e apresenta-os ao perseguidor como sendo as verdadeiras riquezas da Igreja. É condenado e queimado em fogo brando numa grelha metálica, e antes de expirar faz prova do seu sarcasmo, gritando ao carrasco uma proverbial tirada: “Está assado, vira e come!”⁴.

Ou seja, esquematicamente a narrativa consiste nos seguintes três pontos:

1. O diálogo com Sisto
2. Os pobres e aleijados são a riqueza da Igreja
3. O suplício da grelha e a tirada sarcástica

São estes os pontos essenciais de uma tradição que, como veremos, está já cristalizada nos finais do século IV e inícios do V numa área geográfica que, no Ocidente latino, vai da Hispânia a Roma, passando por África, como testemunham as obras de autores como Dâmaso, Ambrósio, Prudêncio, Agostinho, Máximo de Turim e Leão Magno⁵, para citar apenas os mais antigos e importantes. Detenhamo-nos agora em pormenor sobre cada um destes aspectos, e dentro do possível quando e como surgem na tradição hagiográfica laurentina.

1. O diálogo com Sisto

Corre o ano de 258, são imperadores Valeriano e o filho Galieno. No ano anterior despenhara-se de novo, após uma trégua de meia dúzia de anos a contar da morte de Décio em 251, a perseguição sobre os cristãos. Em Agosto é decapitada em Roma a hierarquia da Igreja, na pessoa do seu bispo, o papa Sisto II, e um número indeterminado dos seus diáconos: quatro, como escreveu o contemporâneo Cipriano, bispo de Cartago, também ele vítima desta perseguição⁶? Seis, como garante a tradição posterior? Talvez nunca o saibamos com certeza. Num ponto, no entanto, são todas as versões concordantes: não estava entre estes diáconos Lourenço, o discípulo dilecto de Sisto. É que segundo o mais antigo e completo testemunho literário do martírio de são Lourenço, o *De officiis ministrorum* de santo Ambrósio de Milão, escrito quase século e meio depois, nos anos finais do século IV, é precisamente quando Sisto se dirige ao lugar da execução, o cemitério de Calisto na Via Ápia, que lhe salta ao caminho

http://www.portal.ecclesia.pt/anuario/ficha_orago.asp?oragoid=84

⁴ “Assum est”, inquit, “versa et manduca!” (Ambrósio, *De officiis ministrorum* I 41)

⁵ Dâmaso: *Epigrama* 33; Ambrósio: *De officiis ministrorum* I 41, II 28; *hino* 14; Prudêncio, *Per.* II; Agostinho: *Sermões* 302 a 305A; Máximo de Turim: *Sermões* 4 e 24; Leão Magno: *Sermão* 85.

⁶ v. Anexos

Lourenço. O jovem chora lágrimas iradas. Mas não é a sorte de Sisto que ele deplora, o que de resto seria contraditório com a visão então dominante de que o martírio era a porta de entrada na glória de Deus, uma libertação da prisão do mundo terreno. Lourenço chora a sua própria sorte, ao ficar sozinho no mundo terreno, ele que almeja também a glória do martírio. Increpa assim o seu bispo, sustentando com paradigmas bíblicos que era ele quem devia partir:

Para onde vais sem o filho, pai? Para onde, santo sacerdote, avanças sem o teu diácono? Nunca costumavas oferecer o sacrifício sem ministro. O que em mim te desagradou então, pai? Porventura me achaste indigno? Considera se acaso terias escolhido outro <mais> idóneo: àquele a quem confiaste a consagração do sangue do Senhor, a quem confiaste participar na celebração dos sacramentos, a esse lhe negas participar no teu sangue? Tem cuidado, não vá o teu juízo falhar, enquanto se louva a fortaleza. A rejeição do discípulo é prejuízo para o mestre. E quanto ao facto de que ilustres e egrégios homens vencem nos combates dos seus discípulos <mais> do que nos seus? Abraão ofereceu o filho, Pedro enviou Estêvão à sua frente: também tu, pai, mostra no filho a tua virtude: oferece aquele que instruíste, para que seguro do teu juízo atinjas com nobre companhia a coroa <do martírio>.” Então Sisto disse: “Eu não te deixo, filho, nem te abandono, mas maiores combates te são devidos. Nós, sendo velhos, recebemos o percurso de uma pena mais leve; para ti, que és jovem, fica o mais glorioso triunfo sobre o tirano. Em breve virás! Pára de chorar, após três dias me seguirás: entre sacerdote e levita convém que medeie este número. Não era digno de ti vencer diante do mestre, como se pedisses ajuda. Porque exiges tu participar da minha paixão? Deixo-te a ti toda a sua herança. Porque requeres a minha presença? Que os discípulos fracos precedam o mestre; sigam-no os fortes, para sem mestre vencerem os que de magistério já não carecem. Assim também Elias deixou Eliseu. A ti, pois, confio a sucessão da nossa virtude.

(Ambrósio, *De off. min.* I 41)

Sisto não se comove, contudo, e numa resposta marcante e determinante na tradição hagiográfica laurentina profetiza o martírio do discípulo dentro de três dias. O passo, muito provavelmente fruto da piedosa imaginação de Ambrósio, tornou-se paradigmático e glosado, por vezes integralmente copiado, na tradição hagiográfica posterior. Para citar apenas os autores mais antigos, leram e aludem a este diálogo, que ousaríamos chamar ambrosiano, o hispânico Prudêncio, no segundo hino do *Peristephanon* (vv. 21-32), precisamente dedicado a São Lourenço e composto apenas alguns anos depois, e Santo Agostinho, no *Tratado sobre o Evangelho de São João* (27.12). Porventura o caso mais significativo é, no entanto, o texto da paixão latina do século VI, que copia com umas poucas e mínimas variantes a narrativa ambrosiana. Mas este é um texto que não cabe, infelizmente, nos limites cronológicos que estabelecemos para estas notas – o século V, quando se encontra totalmente formada a tradição laurentina.

Regressemos à nossa narrativa. Um pouco antes deste diálogo, e sentindo como inevitável a perseguição e o martírio, Sisto confiara ao seu diácono os recursos da igreja. Lourenço vendeu então as alaias preciosas, e distribuiu o produto pelos pobres e necessitados de Roma, numa clara imitação dos preceitos evangélicos nesse sentido. Poderá estar aqui, como veremos adiante, a semente da fascinante lenda que inclui entre estas alaias religiosas a mais preciosa relíquia, o Santo Graal, que Lourenço teria posto de parte, e enviado para a Hispânia. Mas a este assunto regressaremos. Tal como o diálogo com Sisto, também a venda e distribuição das propriedades da Igreja tem o seu primeiro testemunho conhecido no *De officiis* de Santo Ambrósio (2.28). Embora não se possa nunca afastar a hipótese de ter a sua origem numa tradição anterior, e considerando mesmo que é porventura o único episódio consentâneo com o que se sabe sobre a natureza das perseguições de Valeriano, como veremos, é ainda assim tentador colocar a hipótese de se tratar de mais uma intervenção do bispo milanes. É que o episódio surge na sua obra como exemplo de autoridade, ilustrando a tese de que de nada serve o ouro da Igreja, se não passar de adorno, enquanto os pobres passam fome, enquanto os cativos apodrecem no cárcere sem resgate, enquanto os mortos não têm terreno consagrado para serem enterrados. O próprio

Ambrósio incorrera, como narra no mesmo capítulo, na ira dos arianos, por ter vendido vasos sagrados para com o seu produto resgatar cativos:

Assim nós em certa ocasião fomos vítimas de ódio, pois destruámos uns vasos sagrados para resgatarmos uns cativos, o que podia desagradar aos arianos⁷. [...] Não há-de o Senhor dizer “Porque toleraste que tantos pobres morressem de fome? E a verdade é que tinhas ouro para lhes dares sustento. Porque foram tantos cativos postos à venda, e mortos pelo inimigo os que não foram resgatados? Melhor fora que salvasses os vasos de vivos do que os de metal!” A isto não se poderia dar resposta. Que dirias, pois? “Tive medo de que ao templo de Deus faltasse o adorno?” Responder-te-ia: “Os sacramentos não requerem ouro, nem com ouro agrada o que não foi com ouro comprado.” O adorno dos sacramentos é a redenção dos cativos. São vasos verdadeiramente preciosos, os que redimem vidas da morte.

(*De off. Min.* 2.28)

2. Os pobres e aleijados são a riqueza da Igreja

Detenhamo-nos agora no segundo ponto do esquema tripartido em que se divide a tradição hagiográfica laurentina: os pobres e aleijados são a riqueza da Igreja. Segundo a tradição, o perseguidor cobiçava a riqueza da Igreja de Roma, e não tardou a mandar prender o diácono, exigindo-lhe a entrega dos imensos recursos que tinha a seu cargo. Dissemos “perseguidor”, sem o nomear, pois também aqui a imprecisão é grande. Ao narrar o episódio, Ambrósio recorre sempre a um indeterminado “a quo cum quarentur” (“como lhe tivessem pedido”), “interrogatus” (“tendo-lhe sido perguntado”). Cerca de uma década depois, Prudêncio, no segundo hino do *Peristephanon*, refere de forma mais precisa o “*praefectus urbis regiae*” (“prefeito da régia Urbe”) (*Per.* II.46), ou seja o “prefeito urbano”, sem contudo o nomear. Já Agostinho recorre de forma vaga ao termo “*persecutor*” (“perseguidor”), nos sermões 302 e 303, enquanto o papa Leão Magno, na mesma época, combina no seu Sermão 85 o genérico “*persecutor*” com “*praedo*” (“saqueador”). Prudêncio é, como acabámos de ver, o que apresenta uma solução mais verosímil para a identificação do perseguidor, ao declarar o “*praefectus urbi*” como responsável pela execução de São Lourenço. Com efeito, naquele Agosto de 258 Valeriano e Galieno encontravam-se nas fronteiras do Império, em operações militares, tendo ficado em Roma com plenos poderes o prefeito urbano Públio Cornélio Secular (nome que contudo é desconhecido da tradição hagiográfica, que aqui perdeu uma oportunidade de estabelecer um fértil jogo de palavras entre o nome do inimigo e o desprezo do mundo secular por parte de Lourenço, que de resto se tornou um dos tópicos principais, senão o principal, da sua paixão). Ora, uma das funções do “*praefectus urbi*” era precisamente o de ser o representante do imperador em Roma.

Lourenço cede aparentemente às exigências do prefeito, e pede uma trégua de alguns dias (dois ou três, de acordo com as diferentes versões) para reunir todas as imensas e afamadas riquezas da Igreja. Mas se o prefeito esperava alaias preciosas e o dinheiro dos donativos e legados, o que na verdade Lourenço lhe traz é uma imensa multidão de pobres e aleijados, que declara serem as verdadeiras riquezas da Igreja. Agostinho pormenoriza no seu sermão 302 que não desfilam, mas vêm em carroças, como verdadeiras riquezas materiais – carroças fornecidas

⁷ Os seguidores de uma heresia que retira o nome do bispo Ario (c. 250–c. 336), seu principal pregador. O arianismo nasceu de uma reflexão teológica sobre a relação entre as três pessoas – Pai, Filho e Espírito Santo – no seio da Trindade. Em Alexandria, no ano de 320, Ario declarou que o Verbo (o Filho), sendo gerado, não pode ser plenamente igual ao Pai em essência, mas apenas semelhante ao Pai. No Concílio de Niceia em 325 foi condenada a doutrina de Ario e apresentada uma primeira formulação do credo Trinitário católico que recebeu a sua formulação definitiva em 381 no Concílio de Constantinopla.

pelo ávido perseguidor a pedido de Lourenço:

“Venham comigo carroças”, disse ele, “para nelas transportar as riquezas da Igreja.” Foram enviadas as carroças, encheu-as de pobres e ordenou que regressassem, dizendo: “São estas as riquezas da Igreja.” E é verdade, irmãos, as grandes riquezas dos cristãos são as necessidades dos carenciados, se percebermos onde devemos depositar o que temos.

(Agostinho, *Serm.* 302, 8)

Bela imagem para um dos mais marcantes e belos episódios da tradição hagiográfica de são Lourenço que uma vez mais tem como primeiro testemunho o *De officiis* de santo Ambrósio (2.28). Contudo, e como tem sido apontado por todos os comentadores a este passo ambrosiano, é impossível não ler aqui ecos da célebre tirada de Cornélia, mãe dos Gracos. Recordemos o episódio tal como o narra Valério Máximo, nos seus *Ditos Memoráveis*. Como uma certa rica matrona a maçasse com a exibição das suas riquezas, Cornélia aguentou serena, provavelmente com um sorriso paciente na cara, até que os filhos Tibério e Gaio chegassem a casa. Apontando-os declarou então: “haec ornamenta sunt mea” – “são estas as minhas jóias” (Valério Máximo, IV.4). O dito era demasiado conhecido na Antiguidade para se tratar de uma mera coincidência a sua utilização neste contexto, e sobretudo demasiado célebre para não ser imediatamente reconhecido pelos leitores. Nem o seu reaproveitamento é casual: além de representar uma cristianização de um motivo pagão célebre, a verdade é que ambos os episódios sublinham a superioridade dos bens espirituais sobre os materiais: o amor maternal sobre as riquezas materiais, no caso de Cornélia, o desprezo das coisas terrenas – corpo incluído – em detrimento das prometidas recompensas celestes, no caso de Lourenço. Repetido com variantes mínimas a partir de Ambrósio na generalidade da tradição hagiográfica laurentina⁸, merece especial referência o tratamento que lhe dá Prudêncio, poucos anos depois, provavelmente ainda na década de 90 do século IV, ao torná-lo o ponto central do segundo hino do *Peristephanon*. Ao episódio dedica nada menos do que cerca de 250 versos – ou seja quase metade do poema, nos quais é especialmente impressionante a procissão de estropiados que Lourenço conduz à presença do irado prefeito. Podemos ver alguns versos exemplificativos deste festival de horrores que o estilete de Prudêncio derrama.

Um, apresentando as órbitas
de ambos os olhos vazias,
com uma bengala por guia
regia o caminhar vacilante;

e um coxo de joelho desfeito,
ou um estropiado de perna amputada,
ou um com pé mais curto que o outro,
passo desigual arrastava;

há quem dos membros ulcerados
escorra um podre corrimento;
há quem cuja mão seca
os nervos no antebraço arrepanhe.

(*Per.* 2, vv. 145-156)

Prudêncio, no entanto, não se limita a desenvolver o episódio na extensão das duas centenas e meia de versos, mas vai de certa forma mais longe do que o bispo de Milão na exploração desta

⁸ Para citar apenas alguns dos exemplos mais antigos: Prudêncio, *Per.* 2 vv. 45-312; Agostinho, *Serm.* 302, 8; *Serm.* 303, 1; Leão Magno, *Serm.* 85, 2.

imagem. É que o ouro, que tem de ser extraído do interior da terra e depois depurado pelo fogo, corrompe a alma. Já o ouro verdadeiro, que é Cristo, também ele depurado pelo fogo, mostra-se nos pobres e aleijados, a quem na verdade as dificuldades e a doença enrijecem a alma. Pelo contrário, a saúde, a força e o vigor dos membros enfraquecem espírito e podem levar à perdição. Além disso, quando chegar o dia do Juízo tudo se inverterá, e os doentes verão as suas chagas curadas e os seus andrajos transformados em vestes reluzentes, enquanto os ricos e poderosos terão os seus corpos roídos pela lepra e as suas vestes reduzidas a trapos:

“Estes que soberbo desprezas,
estes que julgas execrandos,
em breve se livrarão dos membros
ulcerados e ficarão curados,

“quando, da carne corruptíssima
por fim soltos e livres,
no mais belo estado da vida
luzirem na fortaleza do Pai,

“não esfarrapados nem fracos,
como por enquanto se vêem,
mas brilhantes em púrpuras
vestes e coroas de ouro!

“Então, se a oportunidade chegar,
diante dos teus olhos queria
que aqueles poderosos do mundo
fossem passados em revista.

“De trapos os verias cobertos
e de narizes ranhosos,
o queixo molhado de baba
e ramelosos de pálpebra podre.”

(*Per.* 2, vv. 265-284)

Esta não é, contudo, uma ocorrência isolada desta forte imagem na literatura cristã da época. Citemos apenas um exemplo. Composta poucas décadas depois da obra de Ambrósio, provavelmente entre 419-420⁹, a *Historia Lausiaca* de Paládio narra o edificante episódio de uma matrona alexandrina, boa mulher mas demasiado apegada aos bens materiais e sobretudo negligente dos seus deveres espirituais. São Macário, antigo talhador de pedras preciosas, divisa então um plano para salvar aquela alma. Dirige-se à mulher, e declara terem-lhe vindo parar às mãos pedras preciosas cuja proveniência desconhecia, mas das quais o dono estava disposto a abdicar por 500 soldos. A matrona não hesitou, e confiando cegamente em Macário pagou o preço pedido sem ver as gemas, com a intenção de as oferecer à sobrinha a quem educava em casa. Mas os dias foram passando, e das prometidas pedras preciosas nem sinal. A matrona procurou então Macário na igreja. O santo convidou-a a ver as gemas, declarando que lhe devolveria o dinheiro, caso a matrona não gostasse do que ia ver. Levou-a então ao primeiro andar, e mostrou-lhe um grupo de mulheres deformadas pela doença. “Estas são as íris”, disse. Desceram as escadas, mostrou-lhe um grupo de homens e declarou: “estas são as esmeraldas”¹⁰. Terá Paládio lido Ambrósio? Talvez nunca possamos sabê-lo. Mais seguro será pensar que na

⁹ GIANNARELLI ET AL., p. 85

¹⁰ *Hist. Laus.* VI

transição do século IV para o V, quando Ambrósio e Paládio escrevem, esta ideia de que os pobres e aleijados são as riquezas da Igreja se havia tornado tópica na literatura cristã, provavelmente um desenvolvimento da conhecida máxima paulina, que na versão da Vulgata reza “habemus autem thesaurum istum in uasis fictilibus” (2 Cor 4:7), o que em linguagem significa “temos, porém, este tesouro em vasos de barro”¹¹.

3. O suplício da grelha e a tirada sarcástica

Regressemos ao martírio de Lourenço. Aproximamo-nos do desenlace e dos seus aspectos mais icónicos. Ao ver-se ludibriado, o prefeito ordena que Lourenço seja torturado e por fim executado. Ferido no seu orgulho, determina que a morte seja lenta e dolorosa. Ordena pois que o diácono seja despido e estendido sobre uma grelha metálica, sob a qual são postos carvões em brasa – sem chama, de modo a adiar o mais possível a morte. Abramos aqui um parêntese para referir que algumas tradições populares da Europa meridional chamam à chuva de meteoros das Perseidas, que ocorre com maior intensidade entre 8 e 14 de Agosto, “Lágrimas de são Lourenço”, associando assim os riscos de fogo que rasgam os céus às brasas postas sob a grelha do martírio. O mártir suporta impassível, sorrindo até, o horrível tormento. E no auge da tortura os seus lábios derramam uma das mais famosas tiradas de toda a literatura hagiográfica: sentindo um dos lados do seu corpo já bastante queimado, o mártir eleva a voz, dirigindo ao verdugo famosíssimas palavras: “Está assado, vira e come!”. A frase é, uma vez mais, registada pela primeira vez no *De officiis ministrorum* (I.41) de Ambrósio, e a partir daí repetida com variantes mínimas nos mais antigos textos, como o hino ambrosiano *Appostolorum supparem* (vv. 31-32), o *Peristephanon* de Prudêncio (*Per.* 2, 401-407) ou o sermão 303 de Agostinho (*Serm.* 303, 1), a ponto de se tornar porventura a mais famosa de todas as frases atribuídas a um mártir durante a sua paixão.

São estes, pois, os elementos tornados canónicos da paixão de são Lourenço, presentes todos eles pela primeira vez no *De Officiis ministrorum* de Ambrósio de Milão, o que tem levado mais do que um estudioso a considerar que se não foi Ambrósio o autor desta narrativa, ela teve muito provavelmente a sua origem não em Roma, mas em Milão.

Vejamos agora esquematicamente como surgem na obra dos principais autores dos séculos IV e V que com Ambrósio contribuem para a fixação destes elementos no imaginário cristão posterior.

		Dâmaso – <i>Epigrama</i> 33	Ambrósio – <i>De officiis ministrorum</i> – <i>Hino</i> 14	Prudêncio – <i>Per.</i> 2	Agostinho – <i>Sermões</i> – <i>Tratado sobre o Ev. de s. João</i>	Máximo de Turim – <i>Sermões</i>	Leão Magno – <i>Sermão</i> 85
1	Diálogo com Sisto	–	<i>Off.</i> I.41 <i>Hino</i> vv. 5-8	<i>Per.</i> 2 vv. 21-32	<i>Tratado</i> 27.12	–	–
2	Riquezas da Igreja	–	<i>Off.</i> II.28 <i>Hino</i> vv. 17-28	<i>Per.</i> 2 vv. 45-312	<i>Serm.</i> 302, 8 <i>Serm.</i> 303, 1	–	<i>Serm.</i> 85, 2
3	Tormento da grelha	–	<i>Off.</i> I.41	<i>Per.</i> 2 vv. 341-407	<i>Serm.</i> 303, 1	<i>Serm.</i> 4 <i>Serm.</i> 24	<i>Serm.</i> 85, 3-4
	Chamas	v. 1	<i>Hino</i> vv. 28-30	–	–	–	–
	Tirada sarcástica	-	<i>Off.</i> I.41 <i>Hino</i> vv. 31-32	<i>Per.</i> 2 vv. 401-407	<i>Serm.</i> 303, 1	–	–

¹¹ GIANNARELLI ET AL., p. 85

Vemos assim com toda a clareza que apenas em Ambrósio e Prudêncio, que escrevem nos últimos anos do século IV, se encontram presentes em uma só obra todos os elementos da tradição laurentina. Mais, é em Prudêncio que surgem primeiro todos os elementos de forma sequencial e ordenada – o que no entanto se entende facilmente por se tratar de uma obra assumidamente hagiográfica, enquanto Ambrósio utiliza os episódios da paixão laurentina como exemplos dentro de uma obra de natureza bem distinta. Por outro lado, é evidente que Agostinho conhece já, nas primeiras décadas do século V, todos estes elementos, que refere sem variantes significativas nos seus 5 sermões para o dia de são Lourenço.

Tentemos agora identificar a linha de fronteira ente a verdade e a ficção piedosa, tantas vezes tão difícil de discernir. Pousemos os olhos nos próprios fundamentos da lenda hagiográfica laurentina, ou seja o seu martírio. Começemos pela perseguição de Valeriano, imperador desde 253, com o filho Galieno. Os primeiros quatro anos do seu principado trouxeram uma relativa paz à Igreja, um desejado refrigério após o terror dos anos 250-251, quando o imperador Décio lançou contra os cristãos a primeira perseguição organizada e em larga escala. Esta paz foi, no entanto, quebrada de forma inesperada no ano 257, quando um primeiro edito proibiu a comunidade cristã de se reunir nos lugares habituais ou de visitar os seus cemitérios. No ano seguinte despenhou-se de facto com toda a violência a perseguição sobre a comunidade, com a ordem de execução dos bispos, padres e diáconos. Documento importante para termos uma ideia credível de como decorreu a perseguição é a uma carta enviada pelo bispo de Cartago, são Cipriano, ao seu colega Sucesso, a número 80 do catálogo das suas obras. A missiva pode datar-se com uma segurança pouco usual para documentos tão antigos devido a dois acontecimentos dramáticos: a execução de Sisto, ocorrida segundo a tradição a 6 de Agosto de 258, e que Cipriano refere explicitamente (diz ele: “fica sabendo que Sisto foi executado no cemitério, no oitavo dia dos idos de Agosto, e com ele quatro diáconos”); e o próprio martírio do bispo cartaginês, ocorrido a 14 de Setembro desse mesmo ano, portanto provavelmente poucos dias após o envio desta carta. Nesta missiva a todos os títulos notável, Cipriano relata ao bispo Sucesso como enviara a Roma emissários para verificar a veracidade dos rumores que então corriam. As notícias são de facto alarmantes, como podemos verificar no texto da carta cuja tradução apresentamos em anexo. Sublinhamos o ponto que nos interessa: “Valeriano escreveu ao Senado determinando que os bispos, presbíteros e diáconos sejam imediatamente executados”. “Imediatamente”, diz Cipriano, o que confirma de resto o que se sabe através de outras fontes sobre esta perseguição. Ou seja, não houve lugar, pelo menos em Roma, a longos interrogatórios intercalados de torturas atrozes. A intenção de Valeriano não ia além de um cortar cerce e rápido da cabeça da hierarquia cristã, com confiscação de bens. De resto parece ter sido esta a prática usada com Sisto, de acordo com os mais antigos testemunhos aqui referidos, já que no seu caso os autores mais antigos não referem quaisquer torturas, apenas a execução por decapitação¹². E deverá ter sido esta também a real forma de execução de Lourenço: rápida, por decapitação, sem tortura, sem grelha, sem fogo. Na verdade, o recurso à tortura e a suplícios rebuscados como forma de execução é mais consentânea com as perseguições de Diocleciano, ocorridas meio século após, a partir de 303, e as últimas, pelo menos no Ocidente, antes da ascensão de Constantino, em 306. Com efeito, algumas décadas antes de Ambrósio, Eusébio de Cesareia (c. 263-339) narra na sua *Historia Ecclesiastica* alguns episódios muito semelhantes, como o daquele mártir de Nicomédia, que no início da grande perseguição de Diocleciano foi espancado e posto sobre uma grelha ardente em fogo brando, para não morrer logo¹³. Mas o problema torna-se ainda mais complexo, quando se sabe que este género de execução não se

¹² Prudêncio é a voz dissonante, ao referir a morte na cruz. O passo, no entanto, deverá ter uma intenção simbólica, ao entender-se o bispo de Roma como sucessor de Cristo crucificado. Assim, Sisto é sucessor de Pedro, também ele crucificado, segundo a tradição.

¹³ Hist. Ecc. VIII.6.3. Veja-se também VIII.12.2.

encontra registado na relativamente bem conhecida legislação romana, embora não seja desconhecida a prática de aplicação do fogo ou de placas metálicas em brasa como forma de tortura¹⁴. Porém, aqui temos de voltar a recordar que Valeriano determinara não a tortura, mas a execução imediata do clero cristão.

Também, consequentemente, deverá ser apócrifa a sarcástica tirada de Lourenço na grelha, o célebre “está assado, vira e come”, que se tornará um dos mais conhecidos elementos da tradição hagiográfica laurentina. De onde terá, assim, Ambrósio bebido esta horrenda imagem de um mártir grelhado lentamente sobre as brasas até à morte, e ainda assim com a força de espírito para vencer pelo sarcasmo o seu perseguidor? A uma tradição oral anterior? A uma paixão entretanto perdida (a mais antiga paixão latina conhecida deverá ser pouco posterior, do início do século V, e não lhe faz referência nos manuscritos mais antigos)? Ou não passará da recolocação num passado distante da memória apesar de tudo ainda relativamente recente do horror das perseguições de Diocleciano, ocorridas havia pouco mais de uma geração? Não será fácil achar resposta para estas perguntas, a não ser que nos reservem algumas surpresas os fundos monásticos ainda por explorar ou as areias do deserto africano. Acrescentemos para concluir este ponto que também os historiadores eclesiásticos do século V Sócrates Escolástico¹⁵ e Sozómeno¹⁶ contam um caso ocorrido na Frígia, que nos soará a todos muito familiar. Durante o principado de Juliano (361-363), depois de o governador local ter reaberto um templo pagão, os cristãos Teodulo e Taciano destruíram os ídolos, depois de terem forçado a entrada durante a noite. Tendo sido presos, foram torturados na grelha, e terão então lançado a célebre tirada: “vira-nos, para não ficarmos mal-passados”. Os acontecimentos terão, pois, ocorrido apenas três décadas antes da escrita da obra ambrosiana. Contudo, os seus testemunhos escritos mais antigos são várias décadas posteriores. E assim coloca-se o célebre problema de saber quem nasceu primeiro, ou seja se foi a lenda de Lourenço a influenciar estas narrativas, se o inverso.

Recordemos ainda que, embora sem se referir concretamente ao tormento da grelha, o papa Dâmaso, contemporâneo de Ambrósio, compôs um epigrama para ser inscrito na basílica de são Lourenço Fora de Muros, mandada construir por Constantino (imperador entre 306-337) sobre o túmulo do santo, no qual surgem de novo inesperadas referências ao fogo:

Chicotadas, carrascos, chamas, torturas, grilhões:
só a Fé de Lourenço os pôde vencer.
Dâmaso, suplicante, estes altares com dons cumula,
do egrégio mártir o mérito admirando.

(Ep. 33)

Note-se admirável síntese própria do género epigramático. Em um só verso enunciam-se os tormentos que a tradição atribui ao martírio do santo: “Chicotadas, carrascos, chamas, torturas, grilhões”. Sublinhe-se, por outro lado, o papel central atribuído às chamas. Mas que chamas? Que fogo? As brasas postas sob a grelha? Infelizmente Dâmaso não é mais específico do que isto: “chamas”.

Seja como for, tornar-se-á um episódio tópico na literatura hagiográfica, já presente, entre outras, na paixão visigótica de Eulália de Mérida, datável dos séculos VII/VIII. Depois de submetida à tortura das chamas, a indómita jovem bradou ao perseguidor: “O meu corpo foi queimado, e viu-se que sou forte: manda que ponham sal, para poder ficar mais saboroso em Cristo!” (BHL 2700, 14)¹⁷.

¹⁴ GIANNARELLI ET AL., p. 77

¹⁵ Hist. Ecc. 3.15

¹⁶ Hist. Ecc. 5.11

¹⁷ Uma boa síntese sobre as questões associadas ao tormento da grelha pode ser lida em D. B. Green, “The martyrdom of st. Laurence reconsidered” in *English Benedictine History* 34 (2008), pp. 1-15. Continuam a ser leituras importantes os centenários artigos de P. Franchi de’ Cavalieri “S. Lorenzo e il supplizio della graticola”, in *Rom. Quart.* 14 (1900), pp. 158-176; “Assum est, versa et manduca”, in

Concluamos este ponto reflectindo de forma muito breve sobre a própria significação destas palavras. Tratar-se-á de uma alusão ao “accipite et comedite”, o “tomai e comei” de Mat. 26:26? Uma censura ao hábito pagão de comer as vítimas imoladas em sacrifício? Em qualquer caso Lourenço conclui a sua paixão oferecendo-se como vítima sacrificial a um perseguidor demasiado ignorante das subtilidades da teologia cristã para entender este sarcasmo final¹⁸.

*

Prometemos no título destas brevíssimas notas falar de fogo, lágrimas e Graal. Do fogo falámos já muito, de lágrimas pouco. De Graal temos infelizmente quase nada para dizer. De facto uma tradição muito tardia coloca entre as propriedades que Sisto confiou a Lourenço nada menos do que o Santo Graal, que o mártir teria depois feito chegar à actual Huesca, tendo acabado na catedral de Valência, onde hoje pode ser visto, no qual os papas João Paulo II e Bento XVI celebraram a liturgia. E aqui temos de fazer um pequeno desvio, já que para explicar esta suposta localização do Graal em Espanha se coloca outra questão, a da suposta origem hispânica do nosso diácono, sobre a qual não nos tem sido fácil obter informações certas. Com efeito, devido à ausência de quaisquer indícios seguros, a bibliografia séria geralmente não dedica mais do que uma ou duas breves linhas ao assunto – quando não o ignora, o que sucede na maior parte dos casos. Já as publicações de carácter popular ou devoto dão como adquirida e provada a hispanicidade de Lourenço, não se preocupando assim em demonstrá-la. A verdade é que Prudêncio, hispânico e sempre tão orgulhoso dos mártires da sua pátria, desconhece esta hipotética origem hispânica do diácono de Sisto. Também Dâmaso, provavelmente filho de pai hispânico, a ignora, ou pelo menos não se lhe refere em nenhuma ocasião. Não encontrámos qualquer alusão a esta hispanicidade em mais nenhum autor dos séculos IV e V, nem sequer na mais antiga paixão latina do século V, a que por falta de tempo não fizemos senão brevíssimas alusões. Na verdade, a primeira referência à origem hispânica de Lourenço surge apenas numa outra paixão latina, provavelmente do século VI, a chamada *Paixão de Policrónio e companheiros*, longa narrativa em que se encadeiam várias paixões, entre elas a de Sisto e Lourenço, numa versão muito reelaborada, para não dizer fantasiada, da paixão do século V, ela própria sem dúvida muito longe da realidade, de resto um dos exemplos dados pelo jesuíta H. Delehaye, no seu seminal *Les passions des martyres*, para ilustrar o que designou como “paixões épicas”. Nesta narrativa, Lourenço declara ao perseguidor que é hispano quanto à origem, mas educado como romano: “Quantum ad genus Hyspanus, eruditus uel nutritus Romanus”¹⁹. Sucedem-se ao tornar-se esta a mais divulgada paixão latina de São Lourenço, é esta igualmente a tradição que recolhe, entre outros, Jacopo da Varazze na segunda metade do século XIII, na sua determinante *Legenda Aurea*, que segue sem grandes variantes esta paixão do século VI. Mas Varazze faz nela confluír outra tradição, segundo a qual Lourenço seria primo de São Vicente, este seguramente hispânico. De acordo com esta tradição, que bebeu de Jean Beleth, teólogo francês do século XII, o papa Sisto II teria conhecido na Hispânia os dois primos Lourenço e Vicente, que com ele vieram para Roma. Lourenço ficou na Cidade Eterna, enquanto Vicente regressou à Hispânia natal para ser também ele martirizado:

Lourenço, mártir e levita, hispano de origem, foi levado para Roma pelo bem-aventurado Sisto. Com efeito, como diz o mestre Jean Beleth, como tivesse partido para a Hispânia o bem-aventurado Sisto, tendo aí encontrado dois jovens, Lourenço e o seu primo Vicente, plenos de honestidade nos costumes e notáveis em todo o seu comportamento, levou-os consigo para Roma. Um deles, Lourenço, ficou com ele em Roma; quanto a Vicente, seu

Note Agiogr. V (Studi e Testi 27), Roma, 1915 (pp. 65-82).

¹⁸ Sobre estas e outras hipóteses explicativas v. GIANNARELLI ET AL. pp. 21-22.

¹⁹ “Quantum ad genus Hyspanus, eruditus uel nutritus Romanus [...]” (*Paixão de Policrónio e companheiros*, 27)

primo, regressou à Hispânia, e aí deu fim à vida com glorioso martírio.

(*Legenda Aurea* 113)

Na impossibilidade de darmos solução a este problema, regressemos ao ainda mais problemático, mas ainda assim mais palpável, Graal. De acordo com uma tradição muito difundida, entre as alfaías religiosas que Sisto confiou a Lourenço estava nada menos do que o Santo Graal, o cálice da Última Ceia. Em vez de o vender, como fez com as restantes riquezas, Lourenço tê-lo-ia feito chegar à sua suposta Huesca natal, de onde acabaria por passar, depois de várias errâncias, a Valência. No entanto, as primeiras notícias relativamente seguras sobre esta alegada relíquia datam apenas de 1071, quando um documento refere um cálice precioso no mosteiro de San Juan de la Peña, em Huesca. Daí passou para Saragoça, para as mãos do rei aragonês Martim I, em 1399, e acabou na posse de Afonso V o Magnânimo, que o depositou na catedral de Valência em 1424, onde ainda pode ser visto. Trata-se na verdade de uma taça datável do século I a.C. engastada num suporte muito posterior²⁰. Uma das principais fontes desta lenda muito tardia é uma obra publicada em Salamanca em 1636, a *Vida y martirio del glorioso español San Lorenzo sacados de unos antiquísimos escritos del celebrado Abad Donato* [...], de Lorenzo Mateu y Sanç (pp. 150 e seguintes), que declara ser a versão de uma suposta mas inexistente vida escrita por são Donato, no século VI. Este texto continua a ser, apesar do seu mais do que evidente e comprovado carácter apócrifo, uma das fontes mais citadas pelos defensores da autenticidade do Graal de Valência.

*

Mais, muito mais haveria por dizer. Deixamos de parte aspectos tão relevantes como a problemática das duas paixões latinas, a mais antiga, provavelmente de meados do século V, e a fascinante mas completamente fantasiada paixão do século VI. Ainda assim esperamos ter conseguido traçar um esboço dos principais traços associados à tradição hagiográfica de são Lourenço, e sobretudo de como poderão esses traços, provavelmente todos saídos da Milão ambrosiana do século IV, acabaram por impregnar de forma indelével o imaginário cristão ocidental.

Bibliografia

Fontes

- CHAVASSE, A., *Sancti Leonis Magni Romani pontificis tractatus septem et nonaginta*. (Corpus Christianorum Series Latina, 138A), Turnhout, 1973
- CUNNINGHAM, M. P., *Prudentius. Carmina* (Corpus Christianorum, Series Latina, 126), Turnhout, 1966
- DIERCKS, G. F., *Sancti Cypriani Episcopi Epistolarum*. (Corpus Christianorum Series Latina, 3C), Turnhout, 1996
- FERRUA, A., *Epigrammata Damasiana*, Roma, 1942
- FONTAINE, J., *Ambroise de Milan. Hymnes*, Paris, 1992
- MAGGIONI, G. P., *Legenda aurea. Iacopo da Varazze* (2 vol.), Sismel, Florença, 1998
- MUTZENBECHER, A., *Maximus Taurinensis. Sermones*. (Corpus Christianorum Series Latina, 23), Turnhout, 1962
- RECCHIA, M., *Opere di Sant'Agostino. Discorsi*, Nuova Biblioteca Agostiniana, vol. XXXIII, Roma, 1986
- TESTARD, M., *Sancti Ambrosii Mediolanensis De Officiis*. (Corpus Christianorum Series Latina, 15), Turnhout, 2000, pp. 76-78; 146-148

²⁰ O sítio da catedral de Valência proporciona mais e mais pormenorizadas informações sobre esta preciosa alfaia: <http://www.catedraldevalencia.es/>

Estudos

- CARLETTI, S., “Lorenzo”, in *Bibliotheca Sanctorum* 8, Istituto Giovanni XXIII della Pontificia Università Lateranense, Roma, 1967, pp. 107-122
- GARCÍA RODRÍGUEZ, *El culto de los santos en la España Romana y Visigoda*, Madrid, 1966
- GIANNARELLI, E; BENVENUTI, A; BALDASSERONI BATTIGELLI, C., *Il diacono Lorenzo. Tra storia e leggenda*, Edizioni della Meridiana, 2001
- GREEN, D. B., “THE MARTYRDOM OF ST. LAURENCE RECONSIDERED” IN *ENGLISH BENEDICTINE HISTORY* 34 (2008), pp. 1-15
- LEONARDI, C.; RICCARDI, A.; ZARRI G. (org.), *Il grande libro dei santi*, San Paolo Edizioni, 1998
- SIMÕES, A., *Santos e Milagres na Idade Média em Portugal. São Lourenço*, Traduvários, Lisboa, 2013
- VERRANDO, G. N., “Alla base e intorno alla più antica Passio dei Santi Abdon e Sennes, Sisto, Lorenzo ed Ippolito” in *Augustinianum* 30.1 (1990), pp. 145-187

Anexo

Cipriano saúda o seu irmão Sucesso.

O facto de não vos ter escrito imediatamente, irmão queridíssimo, deveu-se ao facto de que todos os clérigos, constituídos na iminência do combate, não podiam daqui sair, todos preparados pela devoção do seu espírito para a divina e celeste glória. Ficai pois sabendo que chegaram aqueles que eu enviara a Roma para nos transmitirem a verdade confirmada, fosse o que fosse que sobre nós tivesse sido decretado. É que muitas coisas variadas e incertas são ventiladas pelos rumores. Aquelas que são verdadeiras, no entanto, fazem saber que Valeriano escreveu ao Senado determinando que os bispos, presbíteros e diáconos sejam imediatamente executados, mas que os senadores e os homens bem nascidos e os cavaleiros romanos, tendo perdido a sua dignidade, sejam também espoliados dos seus bens; e se tendo perdido as suas propriedades persistirem em serem cristãos, sejam sujeitos à pena capital; as matronas, tendo perdido as suas propriedades, sejam enviadas para o exílio; os que pertencem à casa imperial, por seu lado, quer aqueles que anteriormente tiverem confessado, quer os que agora confessarem, sejam confiscados, e enviados acorrentados para as propriedades de César. Acrescentou também o imperador Valeriano ao seu discurso uma cópia das cartas que sobre nós enviou aos governadores provinciais, cartas que todos os dias aguardamos que cheguem, permanecendo firmes, de acordo com a firmeza da nossa fé, para suportar a paixão, e esperando com a ajuda e a indulgência do Senhor a coroa da vida eterna. Mas fica sabendo que Sisto foi executado no cemitério, no oitavo dia dos idos de Agosto, e com ele quatro diáconos. Mas todos os dias insistem os prefeitos da Urbe nesta perseguição, a ponto de que se alguém lhes for trazido, é executado e os seus bens reclamados pelo fisco. Peço que por vosso intermédio isto seja também dado a conhecer aos nossos colegas, para que em toda a parte com a sua exortação possam os nossos irmãos ser confortados e preparados para a batalha espiritual, para que cada um dos nossos não pense na morte mais do que na imortalidade, e com plena fé e toda a virtude dedicados ao Senhor rejubilem mais do que temam com esta confissão na qual sabem que os soldados de Deus e de Cristo não são mortos, mas coroados.

Desejo, irmão queridíssimo, que sempre estejas bem no Senhor.